

O DIÁLOGO COMO INSTRUMENTO DE PERCEPÇÃO DOS PROBLEMAS DE SAÚDE ENTRE MORADORES DE PIRAPORA DO BOM JESUS – SP.

THE DIALOGUE AS PERCEPTION INSTRUMENT OF HEALTH PROBLEMS AMONG RESIDENTS OF PIRAPORA DO BOM JESUS-SP.

**Maria Angélica Costa¹
Maria da Conceição Almeida Barbosa-Lima²
Isabela Cabral Félix de Sousa³**

¹Fundação Oswaldo Cruz/Instituto Oswaldo Cruz, angelica@ioc.fiocruz.br

²Universidade Estadual do Rio de Janeiro/Instituto de Física, barbosa@uerj.br

³Fundação Oswaldo Cruz/Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, isabelacabral@fiocruz.br

Resumo

Este artigo procura identificar através do diálogo entre os moradores de Pirapora do Bom Jesus – SP, os problemas de saúde por eles percebidos, decorrentes da poluição do rio Tietê. A técnica utilizada para a coleta de dados foi a de grupo focal, do qual participaram 16 moradores do município, sendo 14 mulheres e 2 homens, residentes às margens do rio.

O estudo pretende contribuir com a discussão e reflexão do papel do outro na relação dialógica, na percepção que essas pessoas têm dos seus problemas de saúde e na afirmação desses sujeitos como seres históricos e sociais.

Outra possível contribuição deste trabalho está na oportunidade de coletar informações sobre um determinado assunto, a partir do diálogo e debate com e entre os participantes, método este que pode ser utilizado em comunidades, serviços de saúde e escolas. Nestas últimas, é possível aplicá-lo em várias disciplinas com públicos-alvo de alunos e professores.

Palavras-chave: Diálogo, Percepção e Sujeito.

Abstract

The present article aims to identify, in the course of a dialogue among the population of Pirapora do Bom Jesus - SP, the health problems perceived by them and associated with the pollution of the Tietê River. The technique applied to collect data was of the focal group, with the involvement of 16 inhabitants of the town, 14 women and 2 men, residents in the neighborhoods surrounding the river margins.

This study aims to contribute to a debate about the role of the "other" in a dialogic relation; the consciousness of these people with regard to health problems, and their citizenship formation as historical and social beings.

Another possible contribution of this work is the opportunity to collect information concerning a particular theme, from the dialogue and debate among and with the participants, method that may be used in communities, health services and schools. In these last ones, it can be applied to a number of disciplines with target-publics of pupils and teachers.

Keywords: Dialogue, Perception and Subject.

Introdução

Pirapora do Bom Jesus – SP, foi fundado em 06 de agosto de 1730, tornando-se distrito com a denominação de Pirapora em 17 de agosto de 1892, em terras de Santana do Parnaíba. Em 30 de novembro de 1944 sua denominação foi alterada para Pirapora do Bom Jesus mas apenas em 18 de fevereiro de 1959, foi elevada a município autônomo.

Inicialmente, figurou como um vilarejo missionário cuja importância permaneceu atrelada à sua função religiosa. Por abrigar a imagem do Senhor Bom Jesus, encontrada às margens do rio Tietê, passou a ser um pólo de atração de romeiros em constante movimentação”. (IBGE, 2003).

Sua população foi estimada em cerca de 13.700 habitantes no ano de 2003, de acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,767 (SEADE, 2002), ocupando o 421º lugar no “ranking” dos municípios do Estado de São Paulo, sobre um total de 645 municípios. Seu coeficiente de mortalidade infantil em 2002 foi de 23,15 óbitos por mil nascidos vivos. Um levantamento preliminar de dados de morbidade ambulatorial, referentes ao 1º trimestre de 2003, mostrou a predominância de doenças do aparelho respiratório.

O município conta com uma Unidade Mista, uma Unidade Básica de Saúde e três equipes de PSF (Programa de Saúde da Família); no entanto, não há médico pediatra no serviço público do município.

Quanto à questão ambiental, relatórios da CETESB¹ revelaram que:

Na água, a análise da espuma revelou predominância de surfactantes; ela pré concentra metais pesados, compostos orgânicos e bactérias Gram positivas, cujos componentes também colaboram com a poluição do ar;

No ar, a decomposição anaeróbica da carga orgânica produz gás sulfídrico, metano, mercaptanos e tio-éteres. Como no Brasil não existe um padrão de referência estabelecido para H₂S² no ar, a CETESB adota o valor de 0,1 ppm (partícula por milhão), para o período de uma hora. São necessários também dados meteorológicos do local, tais como direção dos ventos, pluviosidade, temperatura e umidade do ar para definir condições de dispersão e graus de exposição da população.

Juntamente com os Municípios de Osasco, Carapicuíba, Barueri, Jandira, Itapevi e Santana do Parnaíba, Pirapora do Bom Jesus encontra-se inserido na Bacia do Alto Tietê, sub-bacia Pinheiros–Pirapora.

A qualidade das águas do rio observada nessa região reflete a da Região Metropolitana de São Paulo – RMSP que, ao longo dos anos, viu-se carente de políticas públicas voltadas para o saneamento básico, comprometendo assim a qualidade de vida da população e também as características da vida animal e vegetal deste corpo d’água. O lançamento de dejetos domésticos, industriais e de lixo no Rio Tietê e afluentes acontece diariamente.

No início da década de 80, com a decisão do Governo do Estado de São Paulo de “despoluir” a represa Billings, através do não bombeamento da água do Rio Tietê, permitindo que estas seguissem seu fluxo natural, surgiu na região do município de Pirapora do Bom Jesus – SP, o fenômeno da produção bacteriana de gás sulfídrico (H₂S). Desde então, medições da CETESB registram concentrações elevadas deste poluente na atmosfera, com forte odor.

¹ Companhia de Tecnologia e Saneamento Ambiental do Estado de São Paulo – CETESB.

² É um gás incolor, mais pesado que o ar, com odor desagradável de ovo podre. Altamente tóxico quando a exposição é freqüente e aguda, sua principal via de penetração é a respiratória. A intoxicação por H₂S pode ser aguda, subaguda e crônica, dependendo concentração do gás no ar, da duração, da freqüência da exposição e da suscetibilidade individual. Os principais efeitos clínicos decorrentes da exposição H₂S são: irritação de mucosas, conjuntivite, fotofobia, prurido, eritema, rinite, anosmia, bronquite, traqueobronquite, tosse por vezes produtiva, edema pulmonar, náuseas e vômitos, taquicardia, hipotensão, tontura e desorientação, convulsão. Pode ocorrer óbito por paralisia respiratória.

Na barragem de Pirapora do Bom Jesus - SP, afirma o referido Comitê, foi instalado um túnel descarregador gigantesco que funciona como um grande ralo; as descargas do fundo deste reservatório ocasionam a remobilização dos sedimentos, ricos em materiais orgânicos e diversos contaminantes, tais como metais pesados, que se encontram em ambiente anaeróbico. Neste ambiente, no processo de decomposição da matéria orgânica, libera-se o H₂S.

A barragem de Pirapora do Bom Jesus – SP, localiza-se a menos de 300 metros da cidade e sua queda d'água potencializa a liberação do gás, além da constante produção de vapores e espumas que invadem toda a área urbana do município e causam incômodo aos moradores.

A quantidade de espuma e a magnitude do problema variam durante o ano. Em julho de 2003, numa das fases de agravamento das condições ambientais, o problema chegou ao conhecimento da DOMA – Divisão de Doenças Ocasionalmente pelo Meio Ambiente do Centro de Vigilância Epidemiológica “Prof. Alexandre Vranjac” da Coordenadoria de Controle de Doenças da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo.

Então, as espumas estavam atingindo a altura de 2 metros, com transbordamento para as margens, chegando a invadir moradias e cobrir a ponte sobre o rio, no centro da cidade, impedindo a adequada circulação na mesma. Como consequência, havia aumentado significativamente a exposição dos moradores aos poluentes e o risco de danos à saúde. Para ilustrar, colocamos três fotos para que o leitor tenha idéia da magnitude do problema.



Figura 1: Memórias de Pirapora do Bom Jesus - Fonte: Jornal “O Estado de São Paulo”, 2003.



Figura 2: Memórias de Pirapora do Bom Jesus - Fonte: Jornal “O Estado de São Paulo”, 2003.



Figura 3: Memórias de Pirapora do Bom Jesus - Fonte: Jornal “O Estado de São Paulo”, 2003.

Metodologia

Anteriormente à realização do grupo focal, elaboramos um roteiro básico que tinha como tema principal a qualidade de vida da população. Como este tema é bastante amplo, decidimos

organizá-lo através de questões mais específicas e sempre relacionadas à temática principal, como se segue: em relação aos problemas de saúde dos participantes, em relação à poluição na cidade, e em relação à história de vida dos participantes e sua educação.

A técnica utilizada para a coleta de dados foi a de grupo focal inspirada em técnicas de entrevistas não direcionadas e técnicas grupais usadas principalmente na psiquiatria, sendo válida tanto para pesquisas qualitativas quanto para pesquisas quantitativas, e cujo resultado visa a discussão de um tema específico e comum a um grupo de pessoas.

Um grupo focal característico é composto em média por 10 (dez) a 15 (quinze) pessoas, sendo mais comum, a participação de 12 (doze) pessoas. Essa técnica possibilita que se conheçam as opiniões e o posicionamento do referido grupo com relação a um assunto específico, sendo este o objeto da investigação.

Segundo Neto et. al. (2001, p.09), o grupo focal é definido como:

“uma técnica de pesquisa na qual o pesquisador reúne, num mesmo local e durante um certo período, uma determinada quantidade de pessoas que fazem parte do público-alvo de suas investigações, tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles, informações acerca de um tema específico”.

Já outros autores como Powell et. al. (1996, p. 499), definem o grupo focal como:

“um grupo de indivíduos selecionados e construído pôr pesquisadores, para discussão e comentários de suas experiências pessoais, sobre algum tópico que é assunto de pesquisa”.

As entrevistas com grupos focais podem ser utilizadas em todas as fases de um trabalho de investigação, sendo apropriadas para estudos que buscam entender atitudes, percepções, preferências, necessidades e sentimentos. Esta é a justificativa para a escolha da técnica em questão em nosso trabalho.

Resultados

O grupo focal foi realizado no dia 12.11.2004, tendo início as 09:00h e terminando às 10:30h, contamos com a participação de 16 (dezesesseis) pessoas, sendo 14 (quatorze) mulheres e 2 (dois) homens. A faixa etária desse grupo variou entre 20 e 67 anos.

A estruturação do grupo se deu da seguinte maneira. No primeiro momento foram feitas as apresentações de todos os participantes, para em seguida lermos o termo de consentimento livre e esclarecido, baseado em um similar feito por Neto et. al. (2001).

Ao término de sua leitura, todos os participantes assinaram, consentindo que fosse realizado o grupo focal e que este fosse gravado.

Terminada essa primeira etapa, solicitamos ao grupo 02 (dois) voluntários para a anotação das falas, quando ainda não se tinha enunciados e ainda não se havia iniciado a análise, já que isto enriqueceria o trabalho e também porque os ruídos externos poderiam dificultar a transcrição da gravação.

Essas preocupação e precaução nos foram muito úteis pois, no momento da transcrição da fita, as anotações feitas pelos voluntários tornaram-se instrumentos essenciais para o entendimento daquilo que foi dito, quando se tornava impossível ouvir a fita pôr conta de barulhos externos.

Esse barulho inviabilizou a escuta da fita, sendo necessário recorrer às anotações naquele momento, mesmo quando o grupo ficou em silêncio, esperando que o barulho cessasse .

A condução do grupo focal foi realizada pela primeira autora deste trabalho que esboçou o propósito e o formato do encontro, pretendendo que os participantes soubessem o que

esperar das discussões e pudessem ficar à vontade. Poderíamos dizer que aquele foi o momento de estabelecimento do rapport; da aproximação entre os participantes e o pesquisador (es).

Após o término do grupo, iniciamos a transcrição da fita simultaneamente com as anotações dos voluntários.

Descrevemos a seguir, a análise do grupo focal que foi realizada à luz da teoria de Mikhail Bakhtin. Ressaltamos que para analisar o diálogo, construído a partir do grupo focal, buscamos o apoio na teoria da interação verbal bakhtiniana, já que este autor valoriza justamente a fala, a enunciação e o diálogo, afirmando sua natureza social e não individual:

“a fala está indissolivelmente ligada às condições da comunicação, que por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais”. (Bakhtin 2004, p. 14).

Se a fala assume tal grau de importância social e política, a atenção que devemos dedicar ao diálogo é indiscutivelmente grande.

Relacionamos agora 03 (três) episódios do diálogo com os moradores de Pirapora do Bom Jesus – SP, com trechos da obra de Bakhtin. Esses episódios respondem ao questionamento da pesquisadora sobre a situação de saúde dos moradores. É interessante ressaltar que todos os participantes ficaram pensativos e pareciam elaborar internamente suas respostas. Foram várias falas que ocorreram concomitantemente e, por isso, selecionamos as três que se seguem sem prejudicar o diálogo como um todo.

“A saúde das pessoas está prejudicada por causa do rio”. [A .A .S., dona de casa, 23 anos].

“Antigamente não era assim, a gente pescava e tinha muito peixe”. [E.G.N., dona de casa, 60 anos].

“O mundo está mudado, antigamente o povo andava por aqui, bebia água do rio, pescava, era a coisa mais linda; hoje o rio está desse jeito”. [F.A.S., autônomo, 57 anos].

Nestes três enunciados percebemos a relação histórica entre as condições do rio e a situação de saúde dos moradores atualmente. Antigamente, tempo não precisado pelos participantes do diálogo, o rio tinha um aspecto agradável e provia o sustento das pessoas que moravam às suas margens. Hoje com a poluição, o rio está degradado e por isso as pessoas estão com a saúde prejudicada.

A resposta dos participantes ao questionamento da pesquisadora não se dá apenas momentaneamente, ou seja, naquele momento preciso, isso é referenciado num passado que não foi precisado pelos participantes e extrapolado para um futuro no qual não há perspectivas de melhoria.

Esse episódio, segundo a percepção da pesquisadora, mostra a incerteza dos moradores quanto às ações pró-ativas dos atores e das instituições envolvidas nesta problemática ambiental.

Para Bakhtin, a enunciação é a unidade de base do diálogo. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Segundo ele, a enunciação não existe fora de um contexto histórico e social.

Nesta perspectiva proposta por Bakhtin, a filosofia marxista da linguagem coloca como base de sua doutrina a enunciação, como realidade da língua e como estrutura sócio-ideológica.

Para o autor:

“O signo e a situação social estão indissolivelmente ligados”. (Bakhtin, 2004, pág. 16).

Segundo ele, todo signo é ideológico. A palavra é o signo ideológico por excelência; ela registra as menores variações das relações sociais, mas isso não vale somente para os sistemas

ideológicos constituídos, já que a “ideologia do cotidiano”, que se exprime na vida corrente, é o lugar onde se formam e se renovam as ideologias constituídas.

Destacamos agora mais um episódio do discurso entre os moradores de Pirapora do Bom Jesus – SP, e refletimos sobre o diálogo original e os vários desdobramentos para a compreensão do papel do outro analisado sob a ótica bakhtiniana.

“Eu queria saber o que estão fazendo lá em São Paulo, a poluição vem de lá, eles que poluem o rio e aqui é o pinicão, toda a sujeira vem parar aqui”. (falava alto tentando chamar a atenção para sua fala). [D.M.S., dona de casa, 42 anos].

“Precisamos saber o que é feito lá. Não é só em Pirapora. Se tiver mais gente melhor. Se tiver 100 é bom, se tiver 200 é bom, se tiver 1000 é melhor”. (falava olhando para todos do grupo como se estivesse solicitando ajuda dos outros). [F.A.S., autônomo, 57 anos].

“Não é só em Pirapora o problema, o problema vem desde São Paulo, passa por aqui e vai pra outro lugar”. [M.S., dona de casa, 50 anos].

Neste episódio do discurso, percebemos o papel do outro no diálogo entre os participantes, como se o outro ou os outros estivessem presentes e/ou pudessem participar do diálogo.

Na relação dialógica o papel do outro é presenciado de acordo com o enunciado e possui papel importante no diálogo entre o falante e o ouvinte, pressupondo ainda, uma terceira pessoa a qual Bakhtin define como sendo um destinatário superior.

Este destinatário superior, segundo o autor, é aquele que antecipa a compreensão de um enunciado, querendo dizer, que prevê sua compreensão num espaço metafísico ou num tempo histórico distante.

“Esse outro presente nos episódios de cada diálogo se efetua como se existisse um fundo de compreensão-resposta de um terceiro que o presencia (o diálogo) de forma invisível e que está acima de todos os participantes do diálogo”. (Bakhtin, citado in: Souza, 1995, pág.110).

É como se os participantes do diálogo se comunicassem com esse destinatário superior, num determinado tempo e espaço distantes.

Bakhtin nos diz que a palavra sendo unidade da língua, inserida no diálogo não pertence ao falante unicamente, o ouvinte também está presente de algum modo, assim como todas as vozes que antecederam aquele ato de fala e que ressoam na palavra do autor. Bakhtin (2003), afirma que tudo o que é dito está situado fora da alma do falante e não pertence somente a ele.

Nenhum falante é o primeiro a falar sobre o tópico de seu discurso. Segundo o autor, o falante não é o Adão bíblico que nomeia o mundo pela primeira vez.

Cada um de nós encontra um mundo que já foi articulado, elucidado, avaliado de muitos modos diferentes e falado por alguém. Ao usar as palavras para falar sobre um determinado tópico, o encontramos já habitado por outras falas, de outras pessoas.

Para Bakhtin, a linguagem nunca está completa, ela é uma tarefa, um projeto sempre caminhando e sempre inacabado.

Considerações finais

O grupo focal realizado com e entre os moradores de Pirapora do Bom Jesus – SP, foi analisado pelas autoras deste trabalho, através do dialogismo de Bakhtin. Do início ao fim do encontro o tema proposto que era qualidade de vida, pôde ser discutido a partir das concepções prévias e da visão de mundo do grupo em questão.

Essa análise justifica-se por ser o diálogo, o instrumento escolhido por nós e privilegiado neste trabalho, para perceber os problemas de saúde dos moradores e, também, por ser ele o objetivo principal do mesmo.

A técnica utilizada se mostra válida para refletirmos e analisarmos os enunciados do diálogo sob a ótica de Bakhtin, resultando em um produto riquíssimo para análises de percepção e de interação verbal. Tal análise, porém, só se mostrou válida porque pudemos perceber as interações verbais através do diálogo e da dialética propostos pelo autor.

Essas interações verbais foram riquíssimas e nos permitiram compreender e atuar no diálogo como co-autores, visto que a princípio, a primeira autora participou apenas como coordenadora do grupo, sem estar inserida na discussão.

A partir do desenvolvimento do diálogo a primeira autora foi inserida no mesmo, quase que automaticamente. Essa interação entre pesquisador e participantes permite que nos tornemos também autores do diálogo. De coordenadores passamos a autores e co-autores do mesmo.

Por isso, quando descrevemos alguns episódios do diálogo, não estamos descontextualizando-o; estamos sim, extrapolando nossa temporalidade para um diálogo maior, um diálogo do qual outros atores e autores possam também participar.

Partindo dessa construção teórica, proposta pelo autor, e a partir do diálogo entre os moradores, enfatizamos a importância do diálogo nas relações cotidianas, já que foi através dele que pudemos entender a percepção dos moradores de Pirapora do Bom Jesus – SP, dos determinantes e condicionantes do processo saúde/doença e as possíveis relações do mesmo com a poluição do rio Tietê.

A percepção desses moradores também se centra na situação ambiental, da qual decorrem inúmeros transtornos.

As pessoas adoecem e o turismo na cidade, que é uma das principais fontes de renda do município, também é afetado pela poluição do rio Tietê.

Em outros episódios do diálogo, os participantes relataram problemas respiratórios, dermatológicos, problemas de visão, enjôos e mal estar em geral, dentre outros.

Através dessa relação dialógica em que o outro e as circunstâncias sociais do diálogo são valorizados, pudemos discutir e refletir sobre possíveis propostas de trabalho em conjunto com o município para a minimização e/ou solução dos problemas sócio-ambientais.

Voltando à construção teórica de Bakhtin, objeto de nossa análise, percebemos que existem muitas maneiras diferentes de falar; muitas linguagens refletindo a diversidade da experiência social. Quanto a essa reflexão, citamos um trecho da obra de Bakhtin que ilustra perfeitamente o nosso pensamento:

“A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico da sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua”. (Bakhtin, 2003, pág. 123).

Essa interação verbal, obtida através do diálogo entre os moradores do município, também se dá pela necessidade de manutenção de uma tradição cultural e religiosa muito grande.

O município é conhecido como o do padroeiro Bom Jesus, tendo suas tradições grande importância para a preservação cultural local.

Para as festas que são realizadas no município, milhares de pessoas vêm de outros locais, proporcionando renda e trabalho aos munícipes. Durante os períodos festivos, há muita música, dança, romarias, missas, quermesses e várias outras atividades.

Tanto esses períodos festivos como outras tradições do município estão ameaçadas, caso a poluição do rio Tietê continue nos índices atuais. O município não tem mais condições de manter o ritmo de atividades realizadas, já que, no período de junho a agosto, início da estação

de seca no Estado de São Paulo, a poluição do rio se agrava, as espumas aumentam e o cheiro do rio torna-se insuportável.

A conjuntura apresentada neste artigo, nos remete a uma reflexão sobre a situação e as condições em que esses moradores se expressam e utilizam o diálogo como meio de se comunicar, na vida cotidiana e nas relações do dia-dia com os parentes, amigos, vizinhos e outros participantes do diálogo.

Na vida e nas relações cotidianas, a palavra é, sem dúvida, o material privilegiado da comunicação. A ideologia do cotidiano se expressa por meio de cada um dos nossos atos, gestos ou palavras. Os sistemas ideológicos constituídos e a ideologia do cotidiano se constroem e se reconstroem, numa interação dialética constante.

Bakhtin nos desafia a descobrir, nestes momentos de riqueza e de profundo pensar, o que o “outro” pensa a respeito de um determinado assunto, quais são suas concepções prévias, qual é sua visão de mundo e como este é apresentado.

Conhecimentos, percepções, discussões, reflexões e atuação pró-ativa, são instrumentos que podem possibilitar ao outro, a nós mesmos e a todos os atores envolvidos neste processo histórico, cultural, social e ambiental, a oportunidade de reafirmação enquanto sujeitos e cidadãos.

Por isso, repetimos inúmeras vezes, que o repensar do diálogo, do dialogismo e da dialética a partir do outro, é essencial.

Esperamos que o leitor possa utilizar esse trabalho, como inspiração para possíveis atividades em locais onde os diálogos e a participação do outro sejam privilegiados.

Se esse trabalho puder chegar às escolas e envolver, principalmente, professores e alunos, nossos objetivos enquanto educadores terão sido alcançados.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, M.M. *Estética da Criação Verbal*. 4ª edição. São Paulo-SP: Editora Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M.M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 11ª edição. São Paulo-SP: Editora Hucitec, 2004.

CETESB - Companhia de Tecnologia e Saneamento Ambiental do Estado de São Paulo. Dados de monitoramento ambiental. In: DOMA – *Relatório nº 01/2003* – versão preliminar. Julho de 2003.

DOMA - Divisão de Doenças Ocasionadas pelo Meio Ambiente da Coordenadoria de Controle de Doenças da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. *Relatório nº 01/2003* – versão preliminar. Julho de 2003.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Dados demográficos. In: DOMA – *Relatório nº 01/2003* – versão preliminar. Julho de 2003.

JOBIM E SOUZA, S. – *Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamim*. 2ª edição. Campinas-SP: Papirus Editora, 1995.

NETO, O. C.; MOREIRA, M. R.; SUCENA, L. F. M.; MARINS, R. S. – *Grupos Focais e Pesquisa Social: O Debate Orientado como Técnica de Investigação*. – 31p. – apostila - Rio de Janeiro, 2001.

POWELL, R. A.; SINGLE, H. M.; LLOYD, K. R. (1996) – *Focus Groups in mental health reseach: enchanging the validity of user and provider questionnaires* – in Focus Groups by Anita Gibbs – Department of Sociology, University of Surrey, Guildford GU = 5XH, England.

SEADE – Fundação Sisema Estadual de Análises de Dados do Estado de São Paulo. Dados de morbi-mortalidade. In: DOMA – *Relatório nº 01/2003* – versão preliminar. Julho de 2003.